



---

**A temporalidade instantânea da esfera pública: uma observação das práticas comunicativas nos meios digitais**

**The instantaneous temporality of the public sphere: an observation of the communicative practices in digital media**

Emerson R.C Palmieri

**Palavras-chave:** Esfera pública; Instantâneo; Temporalidade; Presentismo; Comunicação; Meios digitais; Tempo

**1. Introdução**

O tema da esfera pública leva-nos quase inevitavelmente a tomar o “espaço” como uma dimensão social de reflexão e análise. Há uma razão para isso: desde a sua consolidação nas ciências sociais, o conceito de esfera pública sempre esteve ligado às questões espaciais. Podemos observá-los, por exemplo, nos primeiros escritos de Habermas (2011), nos quais a esfera pública burguesa é descrita como pessoas reunidas em espaços (lugares) concretos, como cafés e salões. Aparece também nas considerações mais abstratas do autor sobre a constituição de um “espaço” social que se gera na ação comunicativa (Habermas, 1997, p. 92), e também nas discussões mais recentes sobre uma possível expansão espacial rumo à formação de um esfera pública global (Garnham 2007; Castells, 2008).

No entanto, com o advento dos meios de comunicação digitais e da Internet no final do século XX e a sua crescente incorporação na vida quotidiana, começamos a ver a formação de uma esfera pública digital (Fuchs, 2021; Schäfer, 2015; Masip et al. , 2019). Com ele, outra dimensão social da esfera pública ganha destaque: o tempo. Apesar de ser uma categoria menos explorada que o espaço no que diz respeito ao tema da esfera pública, nosso argumento é o de que uma compreensão adequada da esfera



---

pública digital deve levar em conta uma orientação para as suas estruturas temporais. A chegada dos meios digitais, como apontam alguns autores, inaugura uma nova forma de temporalidade definida pelo imediato, pelo instantâneo e pelo fugaz (Bauman, 2000; Schulz, 2012; Gehl, 2011), mas não está claro para nós como esta nova temporalidade impacta nos domínios da esfera pública, ou seja, nas práticas, redes e canais de construção e observação de opiniões. Se um novo regime temporal for inaugurado com as mídias digitais, que efeitos isso terá na formação da comunicação?

## **2. Objetivos e organização**

Este trabalho se propõe construir um modelo de interpretação da esfera pública digital baseado em seus aspectos temporais, delineando assim um modelo do que chamaremos de estrutura temporal da esfera pública digital. Mais especificamente, procuramos demonstrar como esta nova temporalidade do instantâneo e do imediato, associada aos meios digitais e à internet, poderia ser traduzida na construção de práticas comunicativas dentro destes meios, subordinando-os ao tempo em dois aspectos principais: o pontilhismo e o *timing*. O primeiro aspecto refere-se ao aprisionamento de temas e agendas em presentes eternos nos quais não há ganhos comunicativos para discussões futuras, uma vez que a discussão ocorrida desaparece. O segundo aspecto refere-se a uma radicalização da dissociação entre espaço e tempo, de modo que a participação na comunicação não é mais garantida pelo simples comparecimento a determinado espaço, mas depende também da ativação desse espaço no momento “certo”. Não estamos, no entanto, realizando uma investigação empírica das práticas comunicativas, embora gostaríamos de realizar tal esforço no futuro. Em vez disso, o nosso esforço baseia-se em observações gerais dos meios de comunicação digitais e sociais sustentadas por interpretações teóricas.

## **3. Temporalidade contemporânea: o presente e o instantâneo**

Há um novo regime temporal que se iniciou no final do século XX, numa fase mais avançada da sociedade moderna, com o surgimento dos meios digitais e da internet. Esta temporalidade é geralmente descrita como “instantânea” ou “presentista”,



---

e diz respeito às formas como vivenciamos a passagem do tempo nas nossas atividades sociais. Mas o que é essa nova temporalidade? Para melhor compreendê-lo, vale destacar que ela foi formulada para apontar as mudanças sociais que estavam em curso com a transição de uma modernidade industrial para uma modernidade tardia. Alguns valores culturais associados à primeira foram sendo desmantelados e dando lugar a novas práticas. Na modernidade industrial, a relação com o tempo baseava-se muito num olhar para o futuro, numa construção do presente visando um certo tipo de progresso. Na modernidade tardia, a noção de progresso se perde por uma série de razões, o que leva alguns pensadores como Francis Fukuyama (1989) a declarar que a história tinha chegado ao fim. É neste período, portanto, que assistimos ao nascimento da temporalidade presentista: a orientação para o futuro dá lugar a uma orientação para o presente. O presente na modernidade tardia não visa um “além” dele mesmo, mas fecha-se dentro dele próprio. O presentismo não conhece uma grande narrativa, no sentido de Lyotard (1998), nem um planejamento e nem um progresso.

A temporalidade presentista é construída por “momentos”. Há uma percepção de que os momentos não apenas não duram para sempre, mas também duram muito pouco. É aqui que entra a noção de “instaneidade”. O presente da modernidade industrial foi duradouro; o presente da modernidade tardia não o é. Vamos dar um exemplo ilustrativo dessa diferença: no passado, os bens de consumo eram feitos para durar. Eletrodomésticos, roupas, carros, etc. tinham uma vida útil muito maior do que hoje, embora hoje tenhamos uma capacidade tecnológica maior para prolongar a vida útil dos objetos. Na sociedade atual, os produtos são pensados para serem descartados em pouco tempo, pois prevalece uma lógica de renovação constante e de “atualização”. A sociedade nos incentiva a ter o carro do ano, o celular mais avançado e as roupas da última moda, e a desfrutar desses bens sem moderação, pois no ano seguinte eles já serão considerados ultrapassados. A mudança se justifica pela necessidade de se manter atualizado e não perder o momento. Por mais fugazes e instantâneos que sejam os momentos, eles são supervalorizados. Não se pode perder um momento, porque são únicos: não voltam e não se repetem. Michel Maffesoli (2003, p.47) argumenta, nesse sentido, que há pouco interesse em nos preocupar com o futuro: vivemos intensamente o



---

presente porque sabemos que ele vai acabar.

Esta explicação de uma temporalidade presentista ou instantânea refere-se à sociedade em geral, e o debate sobre isto é muito mais amplo do que podemos explorar aqui. Portanto, reduziremos o seu alcance e pensaremos como ele poderia ser colocado e traduzido na questão das práticas comunicativas numa esfera pública digital. As mídias digitais e a internet são tecnologias que se popularizaram junto com o advento da modernidade tardia e trazem, de alguma forma, sua nova semântica temporal.

#### **4. A temporalidade do presentismo nos meios digitais**

A temporalidade presentista também se manifesta no ambiente midiático digital. A ênfase no imediato é uma semântica comum a diversas plataformas, que dão a opção de filtrar o conteúdo “mais recente” e o conteúdo que está sendo visualizado/lido/assistido “agora”. Nas seções de comentários, as mensagens geralmente são lidas da mais recente para a mais antiga, já que os comentários mais recentes ocupam o topo da página. (Gehl, 2011). O Facebook, por exemplo, dá três opções de mostrar os comentários: os mais recentes, os mais relevantes ou todos eles, mas a configuração padrão da plataforma é mostrar os mais relevantes. Além disso, não há opção de mostrar comentários em ordem cronológica, mesmo quando se seleciona para mostrar todos. É errado, contudo, falar de uma aniquilação do tempo com os meios digitais, como sugere Bauman (2000). A instantaneidade do digital não destrói o tempo, mas inaugura novas formas de vivenciar o tempo, que podem se manifestar em diferentes sensações: são imediatas, contínuas (em curso), abertas e vivas (vidas). O tempo não é aniquilado, mas torna-se ativo, intenso e mutável (Coleman, 2018).

#### **5. Síntese: o modelo temporal da esfera pública digital**

A estrutura temporal da esfera pública digital pode ser visualizada com o argumento de David Berry (2011, p. 142-143), que vê a internet como uma rede baseada em fluxos de informação em tempo real. Ele defende que os usuários podem estar em vários desses fluxos ao mesmo tempo, já que é possível alternar entre diferentes



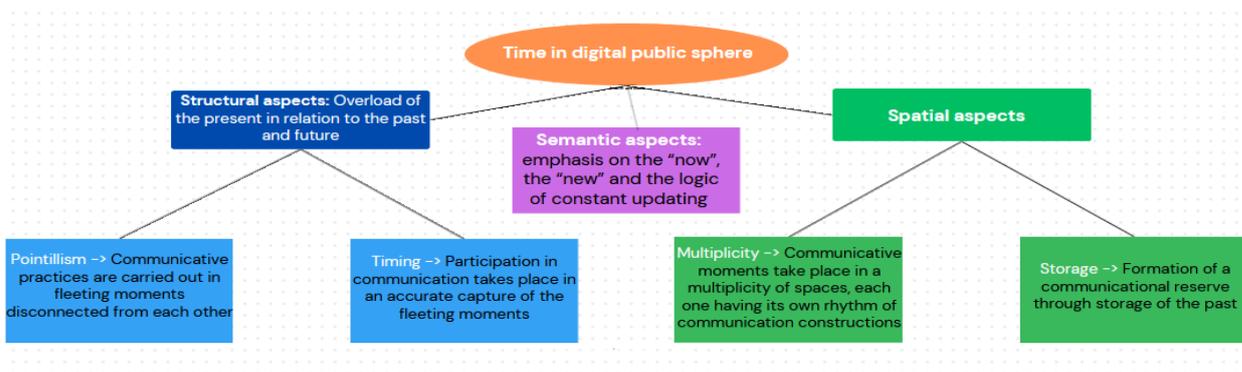
plataformas com apenas alguns cliques. Desta forma, temos uma atomização espacial e temporal dos fluxos de informação: espacial, porque existem vários fluxos desconectados entre si, expressos na multiplicidade de espaços de discussão que se criam com diversas plataformas. E temporal, porque esses fluxos não são constantes, como o leito de um rio. Aparecem como “momentos”, terminando e recomeçando num novo fluxo com novas comunicações que nada têm em comum com comunicações de um fluxo passado, mesmo que estejamos falando de fluxos que ocorrem no mesmo local (por exemplo, discussões no mesmo canal do *Youtube*). No entanto, é incorreto dizer que os fluxos ocorrem em tempo real. As mídias digitais atuam mais como “marca-passos”, como sugere Coleman (2020). Ou seja, o tempo não é externo a esses meios, mas produzido por eles de forma diferente para cada um. Cada meio, plataforma, rede social, etc., produz seus próprios momentos comunicativos através da produção de novos conteúdos, o que impossibilita saber quando surgirá um novo fluxo de comunicação e novas oportunidades de deliberação na esfera pública formada por ele. A ideia de “tempo real” não faz sentido, pois dá a impressão de que tudo o que temos acesso na internet está acontecendo agora, quando na verdade é muito comum observarmos práticas comunicativas que já terminaram, que ocorreram há dias, semanas ou meses atrás. É possível, de fato, que acontecimentos recentes estejam a ocupar a esfera pública digital, mas este não é necessariamente o caso. Nesse sentido, os membros da esfera pública digital precisam desenvolver estratégias para capturar esses fluxos momentâneos de comunicação que aparecem e desaparecem constantemente, a fim de garantir a sua participação, para encontrar interlocutores e observadores ativos que leiam as opiniões e comentários e deem algumas opiniões.

Por fim, vale destacar o papel do armazenamento comunicativo: o armazenamento digital da comunicação traz a possibilidade técnica de aproveitar *insights* e informações de opiniões e comentários passados, mas mina esta mesma possibilidade ao enfatizar a semântica presentista de visualizar somente o “agora”. Neste sentido, o cenário de esfera pública que visualizamos com o armazenamento de comunicações parece um horizonte de potencial comunicativo inexplorado: contribuições, comentários e opiniões habitam juntos um grande “ferro velho”



comunicacional, no qual a qualificação de “velho” é formada não pelo esgotamento da comunicação, mas por um descarte prematuro em favor do novo. Esse “ferro velho”, na verdade, está repleto de peças riquíssimas e em bom estado de conservação que poderiam servir para lançar luz sobre discussões recentes, mas que são difíceis de observar devido à forma como os meios digitais se estruturam.

Figura 1: Modelo esquemático - A estrutura temporal da esfera pública digital



## Referências

Bauman, Zygmunt. Time and space reunited. *Time & Society*, 9(2-3), 171-185, 2000

Berry, David. *The philosophy of software - code and mediation in the digital age*. Palgrave Macmillan, 2011.

Castells, Manuel. “The New Public Sphere: Global Civil Society, Communication Networks, and Global Governance.” *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, vol. 616, pp. 78–93, 2008.



**Anais de Resumos Expandidos**  
**VI Seminário Internacional de Pesquisas**  
**em Mídia e Processos Sociais**

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

---

Coleman, Rebecca. Theorizing the present: digital media, pre-emergence and infra-structures of feeling. *Cultural studies*, 32(4), 600-622, 2018.

Coleman, Rebecca. Making, managing and experiencing ‘the now’: Digital media and the compression and pacing of ‘real-time’. *new media & society*, 22(9), 1680-1698, 2020

Fuchs, Christian. The digital commons and the digital public sphere: How to advance digital democracy today. *Westminster Papers in Communication and Culture*, 16(1), 2021.

Fukuyama, Francis. The End of History? *The National Interest*, nº16 , 3–18, 1989.

Garnham, Nicholas. Habermas and the public sphere. *Global Media and Communication*, 3(2), 201–214, 2007.

Gehl, Robert. The archive and the processor: The internal logic of Web 2.0. *New media & society*, 13(8), 1228-1244, 2011.

Habermas, Jürgen. *Direito e Democracia: entre facticidade e validade – Volume 2*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1997.

Habermas, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Editora Unesp, SP, 2011.

Lyotard, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998.

Maffesoli, Michel. *O instante eterno - o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo, Zouk, 2003.

Masip, Pere et al. “Active audiences and social discussion on the digital public sphere. Review article”. *El profesional de la información*, 28 (2), 2019.



**Anais de Resumos Expandidos**  
**VI Seminário Internacional de Pesquisas**  
**em Mídia e Processos Sociais**

**ISSN 2675-4169**

**Vol. 1, N. 6 (2024)**

---

Schäfer, Mike. Digital public sphere. *The international encyclopedia of political communication*, v. 15, p. 1-7, 2015.

Schulz, Yvan. Time representations in social science. *Dialogues in Clinical Neuroscience*, 14 (4), 441-447, 2012.